

O Surgimento do Panenteísmo Evolucionário

Michael Murphy

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega e Giovanni Barontini

Parte I

Através daquilo que para os outros parece ser uma mera massa morta, meu olho contempla vida eterna e movimento em cada veia da Natureza sensível e espiritual, e vê esta vida surgindo crescentemente, e sempre se purificando para uma expressão mais espiritual. O universo para mim não é mais o que era antes — o círculo sempre recorrente, a peça eternamente repetida, o monstro engolindo a si mesmo apenas para voltar à tona novamente. Ele se transfigurou diante de mim, e agora carrega o selo único da vida espiritual — um progresso constante em direção à perfeição superior, em uma linha que se estende até o Infinito.

- Johann G. Fichte¹

Eu postulo Deus como o primeiro e o último, como o Alfa e o Ômega, como o não evoluído, *Deus implicitus*, e o completamente evoluído, *Deus explicitus*.

- Friedrich Schelling²

Deus é Deus somente na medida em que se conhece: seu autoconhecimento é, além disso, uma autoconsciência no homem e o conhecimento do homem sobre Deus, que prossegue para o conhecimento do homem em Deus.

- G. W. F. Hegel³

Se é verdade que o Espírito está envolvido na Matéria e a Natureza aparente é Deus oculto, então a manifestação do Divino em si mesmo e a realização de Deus dentro e fora são o objetivo mais elevado e legítimo possível ao homem na Terra.

- Sri Aurobindo

No início do século XVIII, Isaac Newton, o cientista mais famoso de sua época, apoiou a afirmação do Arcebispo James Ussher, o Primaz Anglicano de Toda a Irlanda, de que poderia ser calculado por vários meios que o mundo foi criado por Deus no domingo, 23 de outubro de 4004 a.C. A concordância de Newton com essa proposição pode nos surpreender, mas ele não estava sozinho entre pensadores proeminentes em acreditar que a Terra tinha apenas alguns milhares de anos.

Em poucas décadas, porém, essa perspectiva limitada tornou-se cada vez mais insustentável para pessoas pensantes. Astronomia, geologia, biologia e outros campos começaram a mostrar que a história do nosso planeta e do universo se estendia não por milhares, mas por milhões de anos. Esse reconhecimento da grande era do nosso mundo que, por volta de 1800, havia sido aceito por cientistas e filósofos tão diversos quanto Lamarck e Immanuel Kant, compreende uma das transformações mais rápidas e fundamentais da história de visão de mundo entre as elites intelectuais.

Com ela, surgiu uma percepção crescente de que criaturas sencientes se desenvolveram na Terra ao longo de um imenso período de tempo. As evidências para isso aumentaram enormemente desde o início dos anos 1600, dando origem a teorias do desenvolvimento da vida que, como o eminente historiador de ideias Arthur Lovejoy disse, poderiam "em um sentido amplo, ser chamadas de evolucionistas".⁴ Embora tais teorias contivessem elementos que parecem ingênuos ou mesmo bizarros hoje, elas baseavam-se em evidências irrefutáveis de que formas de vida cada vez mais complexas surgiram em nosso planeta desde o passado distante.

E em conjunção com essas descobertas, surgiu uma crença progressiva no avanço social. O crescimento da ciência e da tecnologia, o advento da democracia constitucional e a crescente prosperidade da América e da Europa Ocidental levaram muitos a celebrar a ideia do progresso humano em geral. Em meados do século XIX, essa crença de que a humanidade era capaz de desenvolvimento generalizado foi reforçada, finalmente, pela aceitação da evolução como um fato por cientistas ao redor do mundo. Após a publicação de *A Origem das Espécies* por Darwin em 1859, mais e mais pessoas passaram a ver que a vida na Terra havia se desenvolvido por várias eras e poderia continuar a se desenvolver por muitas mais.

Com o surgimento dessa perspectiva evolucionária, muitos pensadores começaram a reformular as questões mais fundamentais e duradouras da filosofia: Qual é a relação deste mundo (antigo e em evolução) com Deus? Qual é o papel da humanidade em seu avanço futuro? E já que a Terra deu origem a criaturas cada vez mais complexas e conscientes, a própria natureza humana pode evoluir? Na

década de 1790 e no início de 1800, uma resposta convincente a essas e outras questões relacionadas surgiu entre filósofos como Fichte, Schelling e Hegel, e que, resumidamente, pode ser apresentada assim: embora permaneça transcendente a todas as coisas criadas, o espírito divino se manifestou através do nascimento do mundo físico, de modo que o processo que se seguiu – o surgimento, em geral sinuoso, mas aparentemente inexorável, de novas formas de existência, da matéria para a vida e para a humanidade – é o desdobramento da Divindade oculta. O que está implícito é gradualmente tornado explícito, à medida que o "espírito adormecido" no interior de todas as coisas se revela progressivamente. Na famosa frase de Schelling, *deus implicitus*, no longo curso do tempo, torna-se *deus explicitus*. Ou nas palavras do filósofo Sri Aurobindo, "a natureza aparente é Deus oculto".⁵

Arthur Lovejoy chamou essa mudança de visão de mundo de "a temporalização da Grande Cadeia do Ser", por meio da qual o mundo manifesto com todas as suas hierarquias foi concebido "não como o inventário, mas como o programa da natureza".⁶ A visão dessa "temporalização" – vamos chamá-la de "panenteísmo evolucionário" (o termo "panenteísmo", em contraste ao panteísmo, refere-se à doutrina de que o divino é imanente e transcendente ao universo) – recebeu nomes diferentes e foi elaborada de maneiras diversas pelos filósofos Fichte, Schelling e Hegel; por Henry James, Sr., o pai de Henry e William James; pelo filósofo Charles Sanders Peirce; por Frederic Myers, o grande pioneiro da pesquisa psíquica; e por pensadores bem conhecidos do século XX, como Henri Bergson, Teilhard de Chardin, Paul Tillich, Alfred North Whitehead, Charles Hartshorne e Sri Aurobindo.⁷

Aqui, gostaria de propor que a visão de mundo representada por pensadores como esses constitui uma espécie de cânon emergente que, embora viva hoje à margem da opinião acadêmica, científica e religiosa, está dando origem a uma percepção que acabará capturando a imaginação do mundo. O conjunto essencial de ideias que compõem esse corpo de pensamento ainda em desenvolvimento tem implicações fundamentais para a filosofia, psicologia, religião e vida cotidiana. Por exemplo:

- 1) Ele nos provê um relato unificador da relação do nosso mundo em evolução com a fonte mais profunda das coisas, uma referência que dá sentido aos nossos anseios espirituais e desejo por significado supremo. Pois se é realmente o caso de que o universo inteiro força para manifestar sua divindade latente, então devemos compartilhar esse ímpeto, que é evidente em nosso desejo por

iluminações, deleite autoexistencial, amor autossuperador e senso de liberdade e identidade eternas que experienciamos em nossos momentos mais elevados. E faz isso de uma forma que nem o materialismo reducionista nem as negações ascéticas da Divindade emergente do mundo conseguem. Ele nos diz que o universo tem um coração aspirante, que a natureza humana é preparada para a autossuperação e que nossa vontade de crescer é sustentada pelo impulso inevitável do mundo em direção a uma existência maior.

2) Ele ajuda a explicar a criatividade inesgotável do nosso mundo. Se o universo inteiro é uma peça, revelação ou desdobramento da Divindade, a criatividade deve ser acessível a todos nós. Novas organizações de energia e matéria, novas criaturas e consciências surgiram na Terra de inúmeras formas, e pode-se até dizer que quando a vida surgiu da matéria e a mente da vida, a própria evolução evoluiu. O reconhecimento da novidade permeando e remodelando o mundo contradiz a doutrina salomônica de que "nunca houve nem jamais haverá nada de novo sob o sol".⁸ Desde o seu início, o universo tem estado na situação de quebrar hábitos (bem como de criá-los) em sua implacável autossuperação.

3) As melhores coisas que experienciamos muitas vezes parecem ser dadas em vez de conquistadas, reveladas espontaneamente em vez de produzidas por esforço laborioso (embora práticas contemplativas, artísticas, atléticas ou outras geralmente preparem o cenário para elas). Esse senso de graça nos assuntos humanos, que é compartilhado por pessoas em todas as terras, é mais compreensível se sustentarmos que os bens mais elevados da vida estavam envoltos no mundo desde o seu início, esperando pelas condições certas para fazerem sua aparição. Esse entendimento pode nos alertar para a riqueza e complexidade da graça e as constantes, embora frequentemente imprevisíveis, influências de nossas profundezas subliminares. E com essa sustentação à crença na graça, ele enfraquece doutrinas de alienação humana que estão embutidas em muitas religiões. Se nos virmos unos com o cosmos em nossos primórdios e em nossos objetivos essenciais, seremos menos inclinados à guerra e ao desgaste do mundo do que se o virmos como fundamentalmente hostil ou ilusório.

4) Ele nos dá uma razão convincente para a ressonância entre volição, imaginação, cognição, emoção humanas e processos fisiológicos por meio dos quais transformações psicossomáticas (assim como a influência da mente sobre matéria

inanimada evidente na psicocinese) parecem ser mediadas. Nossas células, sentimentos e pensamentos ressoam uns com os outros porque compartilham a mesma realidade onipresente, responsiva ao mesmo espírito interior. Mente e matéria, consciência e carne, informam-se mutuamente porque evoluíram de (e no âmbito da) mesma origem sempre presente. Reconhecendo isso, o panenteísmo evolucionário nos ajuda a explicar o efeito transformador que a consciência de nossa divindade essencial pode exercer em todas as nossas partes, a eficácia sinérgica de práticas que abrangem a pessoa inteira e as inspirações contagiantes de grupos que se unem em esforço criativo.

5) Ele nos proporciona uma base teórica para entender por que atributos humanos como percepção, cognição, volição e amor podem se elevar a níveis autossuperáveis. Se estamos secretamente aliados à fonte e ao ímpeto deste universo em evolução, devemos, até certo ponto, compartilhar seus poderes abrangentes de transformação. Podemos realizar capacidades além de nossa existência presente porque essa é nossa predisposição básica.

6) Assim, ele abre o mundo diante de nós, ampliando nossas concepções de avanços futuros sem exigir que aceitemos injustificadas alegações de verdade religiosa ou metafísica. Se abrigamos uma divindade oculta que pressiona para se manifestar na Terra, não há como dizer até onde nossas transformações podem chegar. Não conhecemos os limites da mente e da vontade. A própria carne pode revelar as glórias do espírito. O panenteísmo evolucionário implica possibilidades para a humanidade além daquelas que a ciência e a religião já nos deram.

7) Nenhuma filosofia ou visão de mundo por si só pode eliminar o mal em nosso mundo hoje, mas esta nos dá vantagens sobre o materialismo reducionista, o relativismo "pós-moderno" e os fundamentalismos religiosos para alívio do sofrimento neste planeta. Ao nos orientar para nossa divindade essencial, ela ajuda a nos abirmos para nossas maiores fontes de inspiração, os poderes curadores da graça, a consciência unitiva que ajuda a curar conflitos e as maiores aventuras do espírito que buscamos mais profundamente.

8) E ao fazer tudo isso, o Panenteísmo Evolucionário consegue permanecer suficientemente aberto e elástico para acomodar descobertas sobre nossos

alcances mais distantes, incluindo nossa existência *post mortem*. Ele pode muito bem prover um lugar de encontro conceitual para a aldeia global de onde lançar uma exploração sem precedentes da vida maior que nos espera.

Parte II

A própria natureza ascende gradualmente na série determinada de suas criações. Na matéria bruta ela é uma existência simples; na matéria organizada ela se volta dentro de si para atividade interna, - na planta para produzir forma; no animal, movimento; (e) no homem, como sua mais elevada obra-prima, ela se volta para dentro para que possa perceber e contemplar a si mesma, - nele, ela, por assim dizer, se duplica e, de mera existência, transforma existência e consciência em uma só.

- Fichte⁹

.....E eu senti
 Uma presença que me perturba com a alegria
 De pensamentos elevados; um senso sublime
 De algo muito mais profundamente interligado,
 Cujas moradas são a luz de pores do sol,
 E o oceano ao redor e o ar vivo,
 E o céu azul, e na mente do homem;
 Um movimento e um espírito que impelem
 Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo pensamento,
 E rola por todas as coisas.

- William Wordsworth¹⁰

O panenteísmo evolucionário, como o estou concebendo aqui, surgiu com nova clareza e abrangência no pensamento de Fichte, Schelling e Hegel. Mas a visão de mundo que ele compreende ainda está se desenvolvendo e teve inúmeros predecessores. Na Parte IV, especularei sobre suas possibilidades futuras, mas nesta Parte II observarei alguns dos naturalistas, filósofos, místicos e visionários que anteciparam suas várias características. Esses precursores podem ser vistos por meio de duas correntes de pensamento, uma na ciência em desenvolvimento da Europa pós-renascentista, a outra nas escolas de especulação visionária

variadamente caracterizadas como neoplatônicas, herméticas, cabalísticas ou pietistas. Começarei pela primeira corrente.

Os humanos reuniram conhecimentos do mundo inorgânico, das criaturas sencientes e da natureza humana desde os tempos pré-históricos, mas tais descobertas se aceleraram muito durante os séculos XVII e XVIII. Com o advento da ciência moderna, uma comunidade cada vez mais organizada surgiu na Europa, e ao redor do mundo, na qual inúmeras novas formas foram encontradas para observar os céus, os registros fósseis, vida animal e as complexidades da natureza humana. À medida que essa iniciativa mundial crescia, ela revelava um longo desenvolvimento na Terra de formas de vida cada vez mais complexas que, finalmente, deram origem à humanidade. A natureza, ao que tudo indicava, tinha uma longa e estupenda história para contar. A vida parecia estar indo para algum lugar, passo a passo, apesar dos meandros, cataclismos e extinções de espécies inteiras. Em meados do século XVIII, inúmeros naturalistas viam esse processo como um fato. Que todos os seres vivos se originaram de um pequeno número, ou talvez de um único par de ancestrais originais, foi proposto por Maupertuis, o Presidente da Academia de Ciências de Berlim, em 1745, e por Denis Diderot, o famoso editor da *Encyclopédie*, em 1749.¹¹

Entretanto, surgiram teorias divergentes para dar conta dessa narrativa épica. Em 1669, por exemplo, o insetologista holandês Jan Swammerdam propôs em sua *Historia insectorum generalis* que, entre os insetos, o "sêmen" da fêmea já continha uma forma adulta preexistente, e generalizou sua teoria para abranger outros animais, incluindo a raça humana.¹² Depois que um crítico inglês do livro de Swammerdam descreveu esse processo de mudança embriológica como "uma Evolução e Crescimento gradual e natural das partes", o termo "evolução" foi vinculado a uma teoria de pré-formação que finalmente transferiu-se de mutação embriológica para a de espécies.¹³ Nessa visão, uma versão em miniatura da forma de uma criatura, ou "homúnculo", estava contida no óvulo ou esperma. Porém, descobertas subsequentes desafiaram essa ideia, e um conjunto rival de teorias, ao qual foi atribuído o termo "epigênese", sustentou que o embrião começava como uma massa informe que crescia para uma estrutura definida. Embora eminentes naturalistas como Albrecht von Haller e Charles Bonnet tenham refinado suas próprias visões pré-formacionistas à luz de descobertas empíricas, sua teoria, afinal, deu lugar à crescente evidência da epigênese. E outras teorias de desenvolvimento de espécies foram consideradas deficientes à medida que as descobertas se multiplicavam nas ciências biológicas, entre elas propostas de que certos "arquétipos" moldavam o desenvolvimento de formas de vida, e a doutrina

lamarckiana de que características adquiridas são passadas geneticamente de uma geração para outra.

Mas embora várias teorias de desenvolvimento orgânico tenham surgido e desaparecido conforme descobertas em geologia, biologia e outros campos se multiplicavam, a evolução de criaturas sencientes na Terra tornou-se cada vez mais evidente, levando naturalistas e filósofos a buscarem princípios, padrões ou forças abrangentes para explicá-la. Johan Friedrich Blumenbach, um médico e fisiologista, por exemplo, propôs que:

existe em todas as criaturas vivas, dos homens às larvas e dos cedros ao mofo, um impulso inato e vitalício particular [*Trieb*]. Esse impulso inicialmente confere às criaturas sua forma, em seguida a preserva e, se elas forem feridas, sempre que possível restaura sua forma. . . Ele se mostra uma das primeiras causas de toda geração, nutrição e reprodução. ... Eu lhe dei o nome de *Bildungstrieb* (*nisus formativus*).¹⁴

Blumenbach estendeu sua teoria para abranger a origem de espécies, bem como organismos individuais, atribuindo os efeitos do *Bildungstrieb* à "grande mutabilidade da Natureza", resultante da "direção mais benéfica e sábia do Criador".¹⁵ Essas ideias ressoaram em muitos pensadores da época, entre eles Johan Gottfried Herder (1744-1803), um homem de letras amplamente informado, que construiu uma vasta versão naturalizada do avanço cósmico desde nebulosas e planetas até a vida na Terra e a história humana. "Se pudéssemos penetrar nos primeiros períodos da criação", ele escreveu, "veríamos como cada reino da natureza foi construído sobre outro. Que progressão de forças avançadas seria exibida em cada desenvolvimento!"¹⁶ O mundo inteiro, na cosmologia de Herder, seguia adiante, com intenção deliberada, em direção à perfeição da natureza humana. "O propósito da nossa existência presente", ele proclamou, "está direcionado à formação da humanidade [*Bildung der Humanität*], e todas as necessidades inferiores da Terra servem e levam apenas a esse fim."¹⁷ Friedrich Schelling adotaria ideias próximas às de Blumenbach e Herder em sua *Naturphilosophie* e evolucionismo dinâmico.

Na década de 1790, tais visões do desenvolvimento mundial ganharam cada vez maior sustentação a partir de descobertas em vários campos da ciência. Mas o panenteísmo evolucionário que surgiu com Fichte, Schelling e Hegel também foi influenciado, direta ou indiretamente, por uma longa linhagem de místicos e visionários religiosos que acreditavam que o Divino está se revelando progressivamente na Terra. Embora esses precursores tivessem enquadrado suas visões de maneiras diferentes, eles concordavam que a história cósmica foi impulsionada pelo desejo inexorável de Deus de manifestar-Se no mundo físico. No

final do século XII, por exemplo, Joachim di Fiore, um monge calabrês, viu a história como compreendendo três estágios da manifestação da Trindade Cristã, uma Era do Pai, uma Era do Filho e uma Era do Espírito Santo, cada uma das quais promovendo a liberdade da humanidade e a proximidade de Deus. Essa progressão resultaria no triunfo do espírito sobre a carne, na contemplação sobre as preocupações mundanas. Na terceira e culminante era da história, a religião organizada desapareceria. A Igreja "definharia", sendo substituída por formas individualistas de adoração e por uma difusão mundial de júbilo religioso.¹⁸

Cerca de quatrocentos anos depois, Jakob Böhme (1575-1624) desenvolveu uma visão semelhante. Natural de Görlitz, na fronteira da Boêmia, ele foi um sapateiro que, em 1600, teve uma visão da essência fundamental do mundo:

O portão foi aberto para mim de forma que em um quarto de hora
Vi e soube mais do que se estivesse muitos anos numa Universidade. . .
Pois eu vi e conheci o Ser de todos os seres. . . O nascimento ou eterna
Geração da Santíssima Trindade; o descenso e origem deste mundo.¹⁹

Por meio dessa visão, Boehme viu que Deus "Se decompõe" ao criar este mundo para que Ele consiga Se encarnar progressivamente através de uma história que alcança a consumação em Cristo. Nessa consumação, Seu desejo de autorrevelação é cumprido pelo conhecimento que a humanidade passa a ter Dele através de Seu Filho. Mas a visão de mundo de Böhme estava geralmente revestida de linguagem obscura. Nas palavras de Hegel, "a grande mente de Böhme está confinada no carvalho duro e nodoso dos sentidos – na concreção retorcida da concepção comum – e não é capaz de chegar a uma apresentação livre da Ideia."²⁰ No entanto, a sua visão de Deus e do mundo assemelha-se (e antecipa) à visão de Fichte de "vida eterna emergindo em cada veia da natureza sensível", ao "espírito adormecido" de Schelling e ao avanço dialético do *Geist* de Hegel. Nas palavras do estudioso de Böhme, David Walsh, "Böhme é o arauto do Deus evolucionário autorrealizador."²¹

Porém, Böhme não estava sozinho. Vários pensadores dos séculos XVII e XVIII viram o Divino emergir na história mundial. Friedrich Oetinger, teólogo e naturalista, afirmou que "Deus é um desejo eterno de autorrevelação" que emerge "de Si mesmo e retorna a Si mesmo no decorrer do tempo".²² A corporificação é o objetivo de Sua obra (*Lieblichkeit ist das End der werke Gottes*), e o Espírito (*Geist*) chega à sua plena realização através da corporeidade (*Geistlieblichkeit*).²³

Podemos apreender esse fato básico da existência, acreditava Oetinger, através de um *sensus communis*, uma "cognição imediata" das coisas como um

todo, que revela sua identidade fundamental com Deus.²⁴ Essa capacidade está no nosso "próprio centro", para além da consciência separativa que normalmente habitamos. O *sensus communis*, tal como Oetinger o denominou, assemelha-se à faculdade superior, ou "pensamento intuitivo", pelo qual vemos as coisas sob uma luz supraintelectual, que seria descrita (de várias formas e com diferentes termos) por Fichte, Schelling e Hegel. Como eles e como os panenteístas evolucionários Henri Bergson, Teilhard de Chardin e Sri Aurobindo, Oetinger viu uma consciência superior emergindo na humanidade, através da qual podemos progressivamente perceber e incorporar nossa divindade latente.

Lendo visionários como Joachim, Böhme e Oetinger, torna-se evidente que o panenteísmo evolucionário já vinha surgindo há vários séculos antes do seu advento na década de 1790. Mas com Fichte, Schelling e Hegel, ele encontrou um lugar duradouro no cânon da filosofia ocidental, em grande parte porque era mais aceitável para o pensamento pós-iluminista do que visões esotéricas como as de Fiore e Böhme. E os seus princípios centrais foram desenvolvidos de diversas formas durante os últimos dois séculos. Hegel, por exemplo, como Böhme e Oetinger, via a vida humana como uma incorporação progressiva de Deus, mas acrescentou uma rica história de seu surgimento ao identificar formas sucessivas de consciência (*Gestalten des Bewusstsein*) que transcendem e integram (*aufheben*) aquelas que as precedem. Jean Gebser estendeu uma visão panenteísta do desenvolvimento humano até à idade da pedra, baseando-se em descobertas históricas e antropológicas não disponíveis para Hegel.²⁵ O filósofo Ken Wilber mostra maneiras de integrar as descobertas da psiquiatria dinâmica, da psicologia do desenvolvimento, da teoria geral dos sistemas e de outros campos em uma visão abrangente da revelação divina.²⁶ E Sri Aurobindo, o maior contemplativo praticante entre os pensadores que mencionei, delineou uma elaborada psicologia do nosso desenvolvimento posterior, uma fenomenologia da consciência supranormal e um "yoga integral" para transformar todas as nossas faculdades em instrumentos da divindade que abrigamos.²⁷ Diversos pensadores além desses – demasiados para enumerarmos aqui – acrescentaram algo novo a esta linhagem em formação, em parte devido às suas inspirações únicas, mas também porque puderam recorrer a conhecimentos de vários tipos não disponíveis aos seus predecessores.

Uma razão pela qual o panenteísmo evolucionário tem atraído pensadores como esses, embora provenham de culturas diferentes com compromissos filosóficos díspares, é que ele se baseia apenas em alguns princípios fundamentais, entre eles: primeiro, que a evolução é um fato (embora sua descoberta tenha dado origem a várias teorias sobre o tema); segundo, que nosso universo surge e é

constituído por um mundo que transcende a sobrenatureza, chame-o de Uno, Deus, Brahman, o Absoluto, Natureza de Buda, Alá, Geist ou Tao; e terceiro, que os humanos têm uma afinidade ou identidade fundamental com essa sobrenatureza, que pode ser conhecida através de experiência imediata, quer espontaneamente, quer por meio de práticas transformativas. Uma vez que que essa visão de mundo é tão básica e tão ampla e já que pode ser abraçada sem superstições, dogmas ou abstrações metafísicas que não conseguimos aceitar, ela foi adotada, implícita ou explicitamente, por inúmeros homens e mulheres que reconheceram o seu poder de iluminar nossa natureza e destino humanos. No entanto, o seu desenvolvimento teve uma história complexa e sinuosa, e permanece ainda hoje à margem da opinião intelectual. Embora encontre sustentação nas tradições de sabedoria, na investigação psíquica, na psicologia profunda e em outras disciplinas que nos dão uma compreensão cada vez maior das nossas profundezas subliminares, sua aceitação tem sido bloqueada pelo materialismo reducionista que acompanhou o avanço da ciência. E também foi obscurecida por divergências filosóficas entre alguns dos seus principais expoentes e seguidores (incluindo uma cacofonia de afirmações de verdade concorrentes, estimuladas por Hegel, que vão desde o materialismo de Feurbach e Marx até o idealismo metafísico de T. H. Green e F. H. Bradley). O panenteísmo evolucionário, tal como o estou enquadrando aqui, tem sido em grande parte obscurecido pela névoa de guerras de paradigmas que têm ocorrido entre cientistas e filósofos nos últimos duzentos anos, mesmo quando as descobertas de muitos campos lhe proporcionam uma sustentação crescente. Em suma, ele tem navegado em zigue-zague com fortes ventos contrários, mas também com ventos favoráveis significativos. Creio que a história da sua viagem acabará por ser descrita com profundidade acadêmica e encontrará um lugar de geral relevo na história das ideias.

Mas seja como for que venha a ser visto pelos historiadores, continuará a ser enquadrado de várias maneiras – e recebendo nomes diferentes – conforme seja adotado por pessoas com origens e tendências diferentes. Sendo esse o caso, talvez seja melhor chamá-lo de "visão básica" ou "visão de mundo" em vez de "filosofia", em razão de como esse termo é normalmente entendido hoje por filósofos profissionais. E precisamos distingui-lo também da maioria das versões do panenteísmo que existem desde os tempos antigos. A visão de uma Divindade que é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente às coisas mundanas animou a vida espiritual durante milênios, mas sofreu uma virada dinâmica e histórica. Proponho que, desde cerca de 1800, essa seja uma virada que abrange os fatos da evolução tal como têm sido revelados pela ciência moderna. Tal inclusão traz nova coerência e significado – em suma, uma história melhor – para a nossa compreensão do

avanço do mundo. Diferentemente da maioria das versões anteriores do panenteísmo, ele considera o mundo inteiro como um "Espírito adormecido" pressionando insistentemente em direção a uma existência maior na Terra, e vê as capacidades sobrenaturais que aparecem no curso da prática espiritual não como obstáculos à vida superior, mas como atributos emergentes de nossa sobrenatureza latente. Do seu ponto de vista, todo avanço pessoal e social, cada "veia da Natureza sensível e espiritual", como disse Fichte, pode ser coerentemente considerado como divindade que se manifesta no mundo em geral.

E, no entanto, apesar de ser uma enorme promessa e de ter sido enriquecida por descobertas de vários tipos, essa visão de mundo ainda hoje não merece uma fidelidade tão difundida como aquela ao materialismo reducionista, ao relativismo pós-moderno e aos fundamentalismos religiosos predominantes nas nossas universidades, religiões e elites opinativas. Na verdade, tanto entre historiadores como entre leigos, não existe um nome comumente aceito. O panenteísmo evolucionário permanece à margem do pensamento contemporâneo e cresce aos trancos e barrancos. Embora um dia, creio eu, vá conquistar um público mais amplo, orientando-nos para a vida maior que nos espera, permanece em grande parte invisível para a maioria dos líderes pensantes. À medida que emerge das brumas da opinião moderna, podemos chamá-lo de "visão de mundo furtiva", aparecendo como se estivesse numa tela difusa, pixel por pixel, para aqueles que têm olhos para percebê-lo. Descreverei aqui brevemente algumas das formas como ele se desenvolveu desde 1800 e, ao fazê-lo, argumentarei que o seu surgimento foi possível graças a certos avanços humanos, como o advento da ciência, que parecem ser irreversíveis. Salvo uma catástrofe global, o panenteísmo evolucionário veio para ficar.

Parte III

A ciência espalhou-se por todos os continentes, influenciando a agricultura, a indústria e as práticas culturais de cada nação. Estimulou novas linhas de pensamento crítico, levando cada vez mais pessoas a investigações baseadas em fatos, em vez de baseadas na fé, e relacionadas com as nossas preocupações mais profundas. Informa cada vez mais práticas atléticas, terapêuticas, contemplativas e outras para libertar o corpo e a alma. Tem uma influência generalizada (embora não universal) entre os principais pensadores do mundo. E sem ela, não continuaríamos a descobrir os fatos muitas vezes surpreendentes da evolução cósmica, biológica e humana. Esses fatos, e a história estupenda que revelam, confirmam a intuição de pensadores pré-darwinistas como Fichte, Schelling e Hegel que afirmavam que o

desenvolvimento humano está enraizado no avanço geral do mundo. À medida que nossa compreensão cresce, a ciência expande nossa consciência da idade do mundo muito além da crença de que foi criado em 4004 a.C., mostrando que ele vem se desenvolvendo ao longo de bilhões de anos. E também aprendemos que a evolução cósmica teve um início definido numa explosão colossal a partir de uma pequena semente, seguida por uma expansão instantânea e estupendamente rápida que continua até hoje, com um futuro que se estende para além do alcance da nossa mente. Essa imagem do nosso universo é mais detalhada e empiricamente fundamentada do que aquelas sustentadas pelos pioneiros do panenteísmo evolucionário, acrescentando uma poderosa sustentação à sua visão de que a evolução é um fato e que se torna consciente de si mesma em nós.

Mas a história da evolução não se limita às descobertas no mundo físico e das ciências biológicas, que não conseguem, por si só, revelar o alcance e as capacidades transformadoras da natureza humana. Para isso precisamos de psicologia, antropologia, estudos religiosos comparativos e outros campos que revelam a grande escala e profundidade da nossa sobrenatureza latente. Por meio de um empirismo sinóptico multidisciplinar que abrange relatos subjetivos, comportamentos observáveis e processos corporais, estamos aprendendo mais do que nunca sobre as possibilidades da humanidade para vida extraordinária.²⁸ Pesquisas sobre meditação, prática imagética, somática e outras disciplinas transformativas; descobertas sobre o nosso funcionamento corporal (incluindo a neuroplasticidade cerebral); familiaridade crescente com as variedades de experiência mística; e o nosso progressivo acesso à tradição do xamanismo e às tradições de sabedoria proporcionou-nos mais informações publicamente disponíveis do que a humanidade alguma vez possuiu sobre nossas capacidades de transformação criativa. Dados desses e de outros campos mostram que homens e mulheres, desde a Idade da Pedra, experienciaram energias, iluminações e êxtases carregados de graça, que dão credibilidade a crenças como a de Schelling de que abrigamos um "*deus implicitus*". O panenteísmo evolucionário nos apresenta um contexto convincente – e, para mim, o melhor – no âmbito do qual podemos compreender tais experiências.

Hoje, o acervo de tais dados compreende uma espécie de história natural, não de fósseis ou criaturas vivas como na paleontologia e na biologia, mas de capacidades humanas extraordinárias. E mais, alguns pensadores fizeram tentativas de classificá-las. William James, Frederic Myers, Herbert Thurston, Marghanita Laski, Abraham Maslow e outros propuseram taxonomias de capacidades supranormais, e eu continuei esse trabalho reunindo cerca de dez mil estudos sobre elas em campos que vão do esporte ao xamanismo.²⁹ Trabalhando com esse

material, é possível identificar expressões de habilidades perceptivas, cinestésicas, de movimento, cognitivas e de comunicação, amor, volição, memória, senso de identidade, estruturas corporais e outros atributos que herdamos de nossos ancestrais primatas. Vistas na sua totalidade, essas capacidades ainda em desenvolvimento revelam um avanço contínuo através de domínios separados da evolução do mundo, em geral sinuosa. O fato de o progresso que apresentam ter sido produzido por diferentes meios – nos animais, por mutação e seleção natural, por exemplo, e nos humanos, por práticas transformativas – sugere que a evolução tem uma espécie de telos, uma tendência criativa para uma maior vida na Terra, que atua por meio dos diferentes processos evolucionários que operam nos domínios inorgânico, animal e humano.³⁰ Esse padrão abrangente de desenvolvimento, que liga as primeiras formas de vida aos nossos momentos mais elevados, está em consonância com uma visão que percebe um "*deus implicitus*" emergindo para se tornar o "*deus explicitus*". A acumulação mundial de conhecimento sobre a qual se sustenta essa visão – na sua escala, riqueza e precisão crescentes – é algo novo na história da humanidade. Tomado como um todo, sugere que a humanidade abriga maiores possibilidades do que a maioria das pessoas imagina, e tem ajudado a inspirar a adoção mundial de disciplinas transformativas.

Assim, a ciência hoje promete estender o seu alcance a regiões de experiência transformadora que foram limitadas pelos dogmas e superstições de tempos passados. Ainda encontra resistências neste sentido, algumas delas ferozes, por parte das religiões estabelecidas, dos cultos da nova era, dos apegos comuns a práticas sociais familiares e do materialismo reducionista de muitos cientistas. Mas os hábitos de coleta de dados e investigação crítica que o panteísmo evolucionário alimenta, com o seu poder de revelar fatos outrora ocultos do corpo e da alma, conduz cada vez mais a regiões desconhecidas da nossa sobrenatureza latente. Ao fazer isto, ele dá origem a novos e sofisticados métodos de investigação para a exploração da consciência nos seus limites mais profundos, tais como fenômenos paranormais, sobrevivência post-mortem e mudanças corporais que sustentam estados de êxtase e funcionamento extraordinário. Por exemplo, a psicologia esportiva, a somática e a ciência médica proporcionam agora novas formas eficazes de aumentar a condição física, a saúde e a longevidade, bem como a sensibilidade, a coordenação, a força e o equilíbrio para atingir o desempenho máximo. A psicologia deu origem a novos insights e métodos que conseguem melhorar a consciência de nós mesmos e dos outros, ampliar nossos repertórios comportamentais, promover a inteligência emocional e facilitar a compreensão familiar, organizacional e étnica. E escrituras outrora esotéricas – tibetanas, chinesas, indianas, judaicas, muçulmanas e cristãs – estão disponíveis em sites da

Internet, bibliotecas e livrarias em todo o mundo. Hoje em dia, inúmeros homens e mulheres, inclusive líderes de tradições religiosas há muito estabelecidas, são afetados pela propagação mundial de tais ensinamentos. Padre Pedro Arrupe, mui estimado Diretor Geral da Companhia de Jesus, por exemplo, praticava meditação na posição de lótus e, quando questionado sobre isso por companheiros católicos, disse que encontrava Deus ao fazê-lo tanto dessa forma quanto quando se ajoelhava em oração.³¹ As duas práticas, dizia ele, complementam-se. Quer saibamos disso ou não, a maioria de nós é, até certo ponto, influenciada, como o Padre Arrupe, por práticas culturais diferentes das nossas, que podem trazer o reconhecimento de que temos mais capacidades latentes do que antes percebíamos. Além disso, muitos de nós estamos aprendendo que as experiências espirituais não requerem a aceitação de superstições e dogmas que possam estar associados a elas. Há mais de um século que sociólogos, antropólogos culturais e estudiosos religiosos têm descrito essa dinâmica social, essa separação de experiências elevadas de crenças limitantes que as podem acompanhar, e têm assim contribuído para uma sofisticação crescente sobre alegações de verdade infundadas, intimidação moral, crueldades nobres e outras deficiências da prática religiosa tradicional.³² E esse aprendizado intercultural também é fortalecido pela filosofia analítica, pela semântica geral, pela psicologia cognitiva e pela crítica cultural de filósofos como Michel Foucault e Jacques Derrida; tudo isso pode ajudar a nos libertarmos de hábitos de pensamento paralisantes e das limitações quotidianas impostas pela nossa cultura imediata.

Mas para inúmeros homens e mulheres contemporâneos, essa expansão da consciência exige um quadro conceitual, uma visão de mundo, uma percepção básica para ligar as muitas complexidades que revela. Já que as oportunidades para uma vida melhor que emergem hoje na aldeia global trazem novos desafios, novas alegrias, novos problemas, bem como novas aberturas espirituais, muitos de nós procuramos uma filosofia orientadora com a qual os perseguir e somos assim levados a alguma versão do panenteísmo evolucionário. Contudo, a atração por essa visão de mundo não exige que rejeitemos todas as fidelidades filosóficas ou religiosas que mantemos. A sua simplicidade e amplitude básicas tornam-na compatível com diversas tradições religiosas. Fiéis protestantes e católicos romanos, por exemplo, podem encontrar tal visão em Paul Tillich e Teilhard de Chardin, aspirantes indianos em Sri Aurobindo, judeus crentes em Abraham Kuk, seguidores budistas no pensamento evolucionário do Dalai Lama. Indiscutivelmente, essa adaptabilidade do panenteísmo evolucionário permite atuar como uma influência progressiva nas comunidades religiosas do mundo, conduzindo alguns crentes para além das limitações que sua fé implica.

Dada a complexidade da crença e prática espirituais, é difícil dizer quantas pessoas abraçam agora a visão de mundo emergente que estou descrevendo. No entanto, sabemos com certeza que muitos homens e mulheres hoje partilham uma disponibilidade sem precedentes de conhecimentos e disciplinas que informam suas buscas espirituais. Muitos são testados em lutas nas guerras de paradigmas, tendo experimentado gurus suspeitos, cultos destrutivos, práticas falhas e entusiasmos fracassados de vários tipos, enquanto são agraciados por iluminações além daquelas que experimentam nas culturas em que nasceram. Sua crença na imanência divina baseia-se na aceitação da ciência bem como da religião, e numa abordagem amplamente empírica das suas respectivas disciplinas. Nisto, a sua fé é crescentemente baseada em fatos, mais do que era nas gerações anteriores. Muitos dizem que a sua visão de mundo é "espiritual" e não "religiosa", e partilham um terreno comum cada vez mais amplo no sopé da experiência contemplativa.

As ciências físicas, biológicas e humanas contribuem profundamente para esses desenvolvimentos, tanto por meio de suas descobertas quanto pelo espírito empírico que estimulam entre as pessoas pensantes em todo o mundo. Mas há uma dificuldade aqui. Com esses dons, a ciência também ergueu barreiras para explorações de nossa sobrenatureza latente. O materialismo reducionista a que deu origem geralmente rejeita o estudo de fenômenos paranormais e as afirmações de verdade da prática mística. Estudos sobre telepatia, clarividência e psicocinese; pesquisas sobre memórias do "tipo reencarnação", mediunidade, sobrevivência *post mortem* e investigações relacionadas estão fora de moda hoje (e são difíceis de serem financiadas) na academia e em associações científicas profissionais. E essa resistência não é nova. Ela já crescia no século XIX quando Frederic Myers, Edmund Gurney e outros acadêmicos fundaram a *Sociedade de Pesquisa Psíquica da Grã-Bretanha* para promover o estudo disciplinado da experiência sobrenatural e a possibilidade de vida após a morte. Filósofos e cientistas eminentes se juntaram a essa empreitada nas décadas seguintes, mas seus esforços foram finalmente engolidos pelo reducionismo atual prevalente na neurociência e psicologia. Hoje, tal reducionismo domina as ciências humanas.

Por essa razão, entre outras, o panenteísmo evolucionário vive agora à margem da vida intelectual. Embora esteja mais empiricamente fundamentado e ricamente articulado do que em 1800, ele continua em grande parte não reconhecido – e às vezes sofrendo ativa resistência ou supressão – por inúmeros líderes do pensamento e leigos igualmente.

Mas talvez essa invisibilidade acabe tendo uma vantagem adaptativa. Assim como novas espécies tipicamente evoluem a margem de seus habitats originais, o

que lhes permite se desenvolverem sem serem reabsorvidas por suas populações ancestrais, os avanços culturais frequentemente começam nas periferias de ordens sociais estabelecidas, onde há espaço para experimentar e aprender por tentativa e erro. Esse é o caso, acredito, com a visão emergente que estou descrevendo, que está tomando forma fora da vista da maioria das elites de opinião, ao mesmo tempo em que promove práticas e instituições que começam a incorporá-las.

Parte IV

Tendo descrito brevemente o surgimento do panenteísmo evolucionário, proponho que ele nos proporcione um ponto de vista especial a partir do qual possamos prever futuros avanços humanos. Por exemplo, sua crescente aceitação quase certamente dará origem a novas visões imaginativas da vida maior que abrigamos. Na verdade, isso vem acontecendo há mais de dois séculos. Henri Bergson, que recebeu o Prêmio Nobel de literatura por seus escritos filosóficos, chamou o universo de "uma máquina para fazer deuses" e considerou os místicos como estando na vanguarda da evolução.³³ Jean Gebser acreditava que uma emergente consciência "integral" compreenderá a vida em nosso planeta com nova riqueza e profundidade.³⁴ Teilhard de Chardin previu uma "noosfera" coalescendo na Terra, que progressivamente unificará a raça humana e convergirá para um "ponto ômega" no qual o espírito de Cristo irradiará vida em nosso planeta.³⁵ E Sri Aurobindo, um dos principais líderes da independência da Índia, bem como um intelectual finamente educado e místico realizado, proclamou o surgimento da "Supermente", um nível de existência no qual o divino será vivenciado em seu êxtase primordial, transformando mente e carne na luz de Deus.³⁶

Tais visões anunciam uma ousadia e amplitude filosóficas que promoverão descobertas que revelarão os alcances mais distantes da natureza humana. Mas as verdades que elas incorporam não encontrarão, acredito, sua expressão primária por meio de metafísica intelectualmente abstrata, sobrecarregada e musculosa que forneça descrições muito tênues e restritivas do cosmos e da vida humana para pessoas pensantes de hoje, que são influenciadas por ideias e práticas de todo o mundo. No futuro, acredito, as revelações empíricas de nossa sobrenatureza latente terão precedência sobre a filosofia especulativa, enquanto a arte e a linguagem sugestivas serão mais persuasivas do que a lógica na disseminação da visão de mundo que estou descrevendo. Em meu livro *The Future of the Body*, listei uma ampla gama de atributos humanos extraordinários descritos na literatura de fantasia, em filmes, na ficção científica e em outras obras de arte;³⁷ e o historiador de religiões Jeffrey Kripal explorou esse tema longamente em seu livro *Mutants and*

Mystics.³⁸ Tais visões não são novas, é claro. Desde seu início, o panenteísmo evolucionário, seja qual tenha sido o seu nome, influenciou e encontrou poderosa expressão entre poetas como Wordsworth, Coleridge, Blake, Yeats, Hölderlin, Novalis, Victor Hugo e Walt Whitman; em filósofos como Emerson e Nietzsche; em historiadores como Thomas Carlyle; e em naturalistas como Henry David Thoreau.

Essa visão emergente do céu e da terra, essa visão de mundo furtiva, desdobrou-se de muitas maneiras desde 1800. Não há como dizer que forma ela tomará nos próximos anos. E podemos adivinhar que seu surgimento se acelerará. É, eu acredito, como uma mola enrolada esperando para se soltar de sua compressão. Assim como Einstein, Niels Bohr e seus colegas não previram imediatamente que suas teorias levariam à bomba atômica, à descoberta de buracos negros e aos mistérios do emaranhamento quântico, não conseguimos prever tudo o que o panenteísmo evolucionário implica. Mas podemos imaginar que, à medida que as evidências que o sustentam aumentam, ele comandará uma fidelidade e entusiasmo crescentes, coevoluindo com o conhecimento que a ciência e a prática transformativa trazem. Nisso, ele se assemelhará à teoria científica que catalisa a descoberta empírica enquanto é remodelada por ela. Muitas atividades impulsionarão essa coevolução de visão e prática, entre elas estudos comparativos de capacidades humanas extraordinárias. Essas, no entanto, não se limitarão à academia. As publicações *Record of Yoga* de Sri Aurobindo, por exemplo, que contêm um relato abrangente, ricamente detalhado e autocrítico de iluminações e poderes que apareceram em seu yoga, prenunciam tais relatos que agora surgem entre exploradores espirituais dentro e fora de universidades e centros de pesquisa.³⁹ De acordo com vários estudos sociológicos e pesquisas de opinião pública, cada vez mais pessoas estão se tornando comparativistas amadores, por assim dizer, comparando práticas de diferentes tradições, sem estudos formais de cultura ou vida espiritual.⁴⁰ Com a perspectiva que o panenteísmo evolucionário nos dá, faculdades supranormais como as que esses buscadores estão experienciando hoje podem ser vistas como capacidades em desenvolvimento de nossa supernatureza emergente, em vez de obstáculos ao nosso desenvolvimento posterior, como muitas tradições religiosas as consideravam. Se nosso mundo for abraçado como uma arena de revelação divina, em vez de *maya*, ou ilusão, como certas filosofias hindus e budistas afirmam, ou como essencialmente um vale de lágrimas do qual a vida espiritual nos libertará, então tais capacidades, creio eu, tornar-se-ão centrais para nosso avanço posterior.

E por essa razão, a disseminação do panenteísmo evolucionário promoverá o desenvolvimento integral da vida humana. Inúmeros buscadores experienciam benefícios como o Padre Arrupe constatou a partir de percepções e práticas antes

estrangeiras; e pesquisas científicas consideráveis demonstram as sinergias produzidas pela união de disciplinas antes separadas.⁴¹ Aprendemos, por exemplo, que a aptidão física pode melhorar os resultados da prática de meditação e que a meditação pode, por sua vez, fortalecer o desempenho atlético. Da mesma forma, a psicoterapia pode ajudar a esclarecer e energizar muitos tipos de disciplinas transformadoras. Tais descobertas encorajarão uma abordagem multifacetada para uma prática transformativa que abranja corpo, mente, coração e alma. Essa perspectiva é fundamental no Yoga Integral de Sri Aurobindo, na Epistemologia Integral de Ken Wilber, na Prática Transformativa Integral, que desenvolvi com George Leonard, e em muitas outras formas de crescimento.⁴²

E à medida que o interesse por tais práticas se disseminar, é provável que estimule a investigação sobre fenômenos que até agora têm escapado à ciência convencional, entre eles as "energias sutis" (*prana* em sânscrito, *pneuma* em grego, *ki* em japonês, *chi* em chinês) que há muito são evidentes na tradição da prática transformativa.⁴³ Elas são deliberadamente empregadas nas artes marciais e dramatizadas em filmes de ação. Elas informam a arquitetura oriental e o paisagismo por meio da arte do *feng sui*. E são evidentes nos halos da arte europeia medieval e renascentista, nas luminosidades da santidade católica romana, no esplendor do Homem de Luz dos sufis, no "n/um fervente"* dos bosquímanos do Kalahari e no "calor mágico" do xamanismo siberiano.⁴⁴ Porém, elas não foram estudadas com profundidade significativa por pesquisadores modernos, em grande parte porque não são comumente percebidas com regularidade e porque não foram registradas com a precisão de instrumentos físicos. No entanto, sua existência tem sido testemunhada por milênios por xamãs, yogues e contemplativos monásticos e, recentemente, por artistas, atletas e leigos.⁴⁵ Dado esse fato indubitável, podemos prever que serão encontradas maneiras pelas quais a ciência conseguirá estudá-las. Mesmo que não consigam ser detectadas com os dispositivos físicos de hoje, sua ocorrência frequente pode ser cada vez mais documentada por meio de coleta sistemática de relatos subjetivos.

Também podemos prever que diversas manifestações, outrora esotéricas, de prática transformativa serão estudadas mais intensamente nos próximos anos. Inevitavelmente, elas incluirão os *vibhutis* e *siddhis* dos *yogas* hindu-budistas; os "carismas" do catolicismo romano; os "adornos" do misticismo sufi; os poderes extraordinários do xamanismo; e outros fenômenos sobrenaturais agora descritos e comparados por eruditos religiosos. Traduções do sânscrito, páli, tibetano, chinês,

* *N/um* – carisma que envolve intenso calor corporal associado a devoção extática. Ver *The Future of the Body*, 507. (N.T.)

japonês e de outros textos religiosos continuam a se multiplicar, ampliando nossa familiaridade com tais experiências, entre elas transformações radicais da carne, como as elasticidades físicas (ou "alongamentos"), incorruptibilidade e luminosidades da santidade católico-romana; os olhos e a pele radiantes observados na tradição tibetana do "corpo de arco-íris"; e relatos de "mudança de forma" corporal encontrados no xamanismo, em textos taoístas e relatos de artistas marciais asiáticos.⁴⁶ Esse testemunho de longa data da capacidade da natureza humana para uma transformação dramática é sustentado pela demonstração cada vez maior da neuroplasticidade do cérebro e pelo crescente reconhecimento da nossa capacidade de renovar qualquer parte do nosso corpo por meio de exercício e de uma forte intenção mental.⁴⁷

É altamente provável também que os esportes continuem a se apropriar de tais pesquisas. Atletas frequentemente usam treinamento mental derivado do yoga e artes marciais em conjunto com avanços em treinamento de aptidão descobertos pela ciência médica; e comitês olímpicos, bem como federações esportivas nacionais, têm incorporado tais descobertas em suas rotinas de treinamento, tanto para benefício quanto por prazer.⁴⁸ Hoje, observamos uma proliferação de esportes no mundo inteiro, tanto antigos quanto novos, que desafiam os limites da capacidade humana, com uma aceleração concomitante de quebra de recordes em todas as faixas etárias. O apelo dramático dessa atividade de autossuperação só aumentará, acredito, se o esporte for imbuído de uma visão de mundo que abrace a ampla gama de fenômenos sobrenaturais que ele evoca.

As artes também promoverão as ideias e práticas que descrevo. Arquitetura, paisagismo e planejamento urbano já antecipam isso com sua crescente apreciação dos efeitos do design sobre o humor, a consciência e o comportamento. A escrita de romances possui mais meios de expressão do que nunca para transmitir a surpresa, as complexidades e a escala de poderes superiores. E o cinema está maduro para tal mudança, não só porque seu público mundial busca constantemente emoção e inspiração, mas porque desenvolveu novos meios técnicos para dramatizar fenômenos que normalmente são invisíveis para nós. Há milênios, os humanos se voltam para espaços escuros nos quais eles podem entrar em novas profundezas da alma, seja em cavernas como as de Lascaux ou nos recintos que abrigavam os Mistérios de Elêusis. O pioneiro editor de filmes Walter Murch argumenta que as salas de cinema podem ter um efeito semelhante, que entra em cena com força especial em filmes como *2001: Uma Odisseia no Espaço*.⁴⁹ No futuro, mais filmes dessa escala e profundidade podem aparecer em resposta a uma cultura que busca novas aventuras de consciência. E essas muitas ideias e atividades inevitavelmente darão origem a estruturas sociais de sustentação. Esse

é o caso porque todo grande avanço humano exige instituições para apoiá-lo. A *Academia*, o *Liceu* e o *Estoa* nutriram a filosofia na Grécia antiga. Os *ashrams* indianos e os monastérios cristãos vêm alimentando a vida contemplativa por três milênios. A universidade moderna surgiu entre clérigos do final da Idade Média que buscavam liberdade do dogma da Igreja para a investigação científica e estudos humanísticos. O Vale do Silício incubiu as maiores e mais inovadoras equipes de engenheiros que o mundo já viu. "Centros de crescimento" como o Instituto Esalen foram organizados para promover a exploração de potencialidades humanas sem as restrições da religião e da academia tradicionais. Se a visão e as práticas que estou delineando aqui continuarem a se espalhar, serão concebidas instituições para estimulá-las.

Acredito que esses muitos avanços terão um crescente efeito cumulativo, levando mais e mais pessoas de corpo e alma a países desconhecidos. Repetindo, tais explorações podem se acelerar nas próximas décadas, inspirando avanços que não prevemos. Na longa história do nosso universo, a evolução frequentemente progrediu rapidamente, rompendo leis há muito estabelecidas enquanto dava origem a novas formas de existência. Isso pode acontecer novamente, na Terra, *entre nós*? Dados os avanços que notei e a crescente sensibilidade liberada que emerge ao redor do mundo hoje, é concebível que a humanidade, agora, se aproxime de outro renascimento. Citando o dramaturgo Christopher Fry, "As questões atuais são do tamanho da alma. O empreendimento é a exploração para Deus, onde nenhuma nação pisou ainda."⁵⁰

Notas

1. J. G. Fichte, *The Vocation of Man*, translation of William Smith (Chicago: The Open Court Publishing Company, 1910), 174.

2. Esta é uma paráfrase poética de uma declaração de Schelling que foi citada por Arthur O. Lovejoy: "Eu postulo Deus como o primeiro e o último, como o Alfa e o Ômega; mas como Alfa ele não é o que é como Ômega, e na medida em que ele é apenas o um – Deus 'em um sentido eminente' – ele não pode ser o outro Deus, no mesmo sentido, ou, a rigor, ser chamado de Deus. Pois nesse caso, que seja expressamente dito, o Deus não evoluído, *Deus implicitus*, já seria o que, como Ômega, *Deus explicitus*, é." Ver Arthur O. Lovejoy, *The Great Chain of Being: A Study of the History of an Idea* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936), 323.

3. Citado em Glenn Magee, *Hegel and the Hermetic Tradition*, (Ithaca, NY: Cornell University Press), 226.

4. Lovejoy, *The Great Chain of Being*, 268.

5. Sri Aurobindo, *The Life Divine* (Pondicherry, India: Sri Aurobindo Ashram Press, 2005), 698

6. Lovejoy, *The Great Chain of Being*, 244.

7. Para mais informações sobre filósofos panenteístas, ver Charles Hartshorne e William L. Reese, *Philosophers Speak of God* (Chicago: University of Chicago Press, 1953).

8. *Ecclesiastes 1:9. The Bible*. Revised Standard Version. New York: American Bible Society, 1952.

9. Fichte, *The Vocation of Man*, 34

10. De *Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey*. Citado em *The Heath Introduction to Poetry*, Third Edition, Lexington, MA: D. C. Heath and Company, 1988), 160.

11. Para mais informações sobre as teorias evolucionistas de meados do século XVIII, ver Peter J. Bowler, *Evolution: The History of an Idea* (Berkeley, CA: University of California Press, 1989), 50-89.

12. Robert J. Richards, *The Romantic Conception of Life: Science and Philosophy in the Age of Goethe* (Chicago, University of Chicago Press, 2002), 211-12.

13. Citado *ibidem*, 211-212.

14. Citado *ibidem*, 218-219

15. Citado *ibidem*, 222.

16. Citado *ibidem*, 223.

17. Citado *ibidem*, 223.

18. Magee, *Hegel and the Hermetic Tradition*, 236-240.

19. Citado *ibidem*, 36.

20. Citado *ibidem*, 49.

21. Citado *ibidem*, 39.

22. Citado *ibidem*, 65.

23. *Ibidem*, 66.

24. *Ibidem*, 67.

25. Jean Gebser, *The Ever-Present Origin* (Athens, OH: Ohio University Press, 1985).

26. Ken Wilber, *Sex, Ecology, Spirituality: The Spirit of Evolution* (Boston: Shambhala Press 1995).

27. Peter Heehs, *The Lives of Sri Aurobindo* (New York: Columbia University Press, 2008).

28. Em 1992 publiquei um estudo minuciosamente pesquisado sobre as evidências interculturais do passado e do presente que sustentam a afirmação de que diversas capacidades

humanas normais exibem frequentemente expressões e possibilidades sobrenaturais. Ver Michael Murphy, *The Future of the Body: Explorations into Further Evolution of Human Nature* (New York: Penguin Putnam Inc., 1992).

29. Ver ibidem. (Enviei um e-mail e telefonei para David Gartrell, curador das coleções especiais da biblioteca da *University of California Santa Barbara*, para ver se o arquivo do meu "Esalen Institute Transformation Project" ainda está lá.)

<https://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/ft187002jc/dsc/#dsc-1.7.7>

30. Ver ibidem, 24-35, 171-200.

31. George Bishop, *Pedro Arrupe, SJ* (Herefordshire, England: Gracewing Publishing, 2007), 200.

32. Essa tendência remonta ao estudo inovador de William James sobre a experiência religiosa no início do século XX. Ver James, *The Varieties of Religious Experience* (Nova York: Signet Classic, 1958).

33. Henri Bergson, *The Two Sources of Morality and Religion*, translation of R. Ashley Audra and Cloudesley Brereton (London: MacMillan and Co., 1935), 275.

34. Gebser, *The Ever-Present Origin*, 277-281.

35. Pierre Teilhard de Chardin, *The Phenomenon of Man*, translation of Bernard Wall (New York: Harper and Row: 1959), 180-184, 257-260.

36. Heehs, *The Lives of Sri Aurobindo*, 374-375.

37. Murphy, *The Future of the Body*, 211-213.

38. Jeffrey Kripal, *Mutants and Mystics: Science Fiction, Superhero Comics, and the Paranormal* (Chicago: University of Chicago Press, 2011).

39. Heehs, *The Lives of Sri Aurobindo*, 242-245.

40. Para obter informações sobre esta tendência comparativista, ver Robert C. Fuller, *Spiritual, but not Religious: Understanding Unchurched America* (New York: Oxford University Press, 2001), 153-174.

41. Murphy, *The Future of the Body*, 541-586.

42. George Leonard and Michael Murphy, *The Life We are Given: A Long-Term Program for Realizing the Potential of Body, Mind, Heart, and Soul* (New York: Tarcher/Putnam, 1995).

43. Murphy, *The Future of the Body*, 451-457.

44. Ibidem, 201-210, 505-508.

45. Para evidências de tais experiências por artistas e leigos, ver Kripal, *Mutants and Mystics*.

46. Murphy, *The Future of the Body*, 464-477, 511-517.

47. Jeffrey M. Schwartz and Sharon Begley, *The Mind and the Brain: Neuroplasticity and the Power of Mental Force* (New York: Harper Collins, 2002).

48. Ver <http://www.appliedsportpsych.org/>, Association for Applied Sports Psychology, consultado em 12 de outubro de 2012.

49. Walter Murch, *In the Blink of an Eye: A Perspective on Film Editing* (Los Angeles: Silman-James Press, 2001).

50. Christopher Fry, *A Sleep of Prisoners: A Play* (London: Oxford University Press, 1951), 48.

Referências

Association for Applied Sports Psychology, <http://www.appliedsportpsych.org/>, consulta em 12 de outubro de 2012.

Aurobindo, Sri. *The Life Divine*. Sri Aurobindo Ashram Press. Pondicherry, India. 2005.

Bergson, Henri. *Creative Evolution*. Translation of Arthur Mitchell. Henry Holt: New York. 1913.

Bergson, Henri. *The Two Sources of Morality and Religion*. Translation of R. Ashley Audra and Cloudesley Brereton. London: MacMillan and Co., 1935.

The Bible. Revised Standard Version. New York: American Bible Society, 1952.

Bishop, George. *Pedro Arrupe, SJ*. Herefordshire, England: Gracewing Publishing, 2007.

Bowler, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley, CA: University of California Press, 1989.

Bury, J. B. *The Idea of Progress*. New York: Dover, 1955/1932.

Fichte, J. G. *The Vocation of Man*. Translation of William Smith. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1910.

Fry, Christopher. *A Sleep of Prisoners: A Play*. London: Oxford University Press, 1951.

Fuller, Robert C. *Spiritual, but not Religious: Understanding Unchurched America*. New York: Oxford University Press, 2001.

Gebser, Jean. *The Ever-Present Origin*. Translation of Noel Barstad and Algis Mickunas. Athens, OH: Ohio University Press, 1985.

Hartshorne, Charles, and William L. Reese. *Philosophers Speak of God*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.

Heehs, Peter. *The Lives of Sri Aurobindo*. New York: Columbia University Press, 2008.

Hegel, G. W. F. *The Phenomenology of Mind*. Translation of J. B. Baillie. New York: Harper Torchbooks, 1967.

James, William. *The Varieties of Religious Experience*. New York: Signet Classic, 1958.

Kripal, Jeffrey. *Mutants and Mystics: Science Fiction, Superhero Comics, and the Paranormal*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

Lovejoy, Arthur. *The Great Chain of Being: The Study of the History of an Idea*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936.

Magee, Glenn. *Hegel and the Hermetic Tradition*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001.

Murch, Walter. *In the Blink of an Eye: A Perspective on Film Editing*. Los Angeles: Silman-James Press, 2001.

Murphy, Michael. *The Future of the Body: Explorations into the Further Evolution of Human Nature*. New York: Penguin Putnam Inc., 1992.

Richards, Robert J. *The Romantic Conception of Life: Science and Philosophy in the Age of Goethe*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

Schelling, F. W. J. *System of Transcendental Idealism*. Translation of Peter Heath. Charlottesville, VA: University of Virginia Press, 1978.

Schwartz, Jeffrey M., and Sharon Begley. *The Mind and the Brain: Neuroplasticity and the Power of Mental Force*. New York: Harper Collins, 2002.

Teilhard de Chardin, Pierre. *The Phenomenon of Man*. Translation of Bernard Wall. New York: Harper and Row: 1959.

Whitehead, Alfred North. *Process and Reality*. Edited by David Ray Griffin and Donald W. Sherburne. Corrected Edition. The Free Press: New York. 1978.

Wilber, Ken. *Sex, Ecology, Spirituality: The Spirit of Evolution*. Boston: Shambhala Press, 1995.

Wordsworth, William. *Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey*. In *The Heath Introduction to Poetry*, third edition. Lexington, MA: D. C. Heath and Company, 1988.

Michael Murphy (1930 –), cofundador do [Instituto Esalen](#), é uma figura-chave no [Movimento do Potencial Humano](#) e autor de *The Future of the Body* e outros livros sobre tópicos relacionados ao potencial humano extraordinário. Este artigo foi escrito em 2012.